



Boletim **Agroclimatológico** **Mensal**

ISSN: 2447-5203

V. 60, N. 10, Outubro 2025

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Min. da Agricultura e Pecuária (MAPA)

Carlos Henrique Baqueta Fávaro

Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo (SDI)

Pedro Alves Corrêa Neto

Diretor do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)

Carlos Alberto Andrade e Jurgielewicz

Coordenadora Coordenação-Geral de Meteorologia Aplicada, Desenvolvimento e Pesquisa (CGMADP)

Marcia dos Santos Seabra

Chefe do Serviço de Pesquisa Aplicada (SEPEA)

Danielle Barros Ferreira

Colaboradores

Glauber Willian de Souza Ferreira

Laísa Faria Viana

Lucietta Guerreiro Martorano

Melquizedek Rafael Duarte da Silva

Copyright © 2019 – Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Boletim Agroclimatológico / Instituto Nacional de Meteorologia. – v.60 n. 10 – (2025) – Brasília: Inmet, 2025.

Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/>

ISSN: 2447-5203

Publicação Mensal

Sumário

Apresentação	1
1. Análise das condições climáticas no Brasil em setembro de 2025	2
2. Prognóstico agroclimático para o período de outubro, novembro e dezembro de 2025.....	7
3. Condições oceânicas observadas e tendências	15

Apresentação

Criado em 1967, o Boletim Agroclimatológico tem como objetivo levar até os usuários uma informação meteorológica direcionada às atividades do campo. Ainda distante da comunicação eletrônica, os boletins eram impressos e enviados pelos serviços de correios. Com o advento da internet e de novas tecnologias em meados dos anos de 1990, o Boletim Agroclimatológico passou por grande transformação, com novos conteúdos, e passando a ser enviado por meio eletrônico, via e-mail – um salto na eficiência de entrega da informação.

Após longo período sem grandes mudanças, em 2019, o Boletim Agroclimatológico passou por uma nova transformação, fruto de uma reavaliação técnica interna do Instituto e de sugestões de usuários técnicos ligados ao meio rural. Por exemplo, durante o Primeiro Encontro de Usuários de Produtos Agroclimatológicos, ocorrido em agosto de 2019 em Brasília, o Instituto teve a oportunidade de ouvir críticas e sugestões de representantes dos setores público e privado ligados à agropecuária brasileira.

Assim, o Instituto Nacional de Meteorologia, órgão vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária, tem a grata satisfação de apresentar um novo Boletim Agroclimatológico Mensal, contendo, além da sua histórica análise das condições climáticas observadas no Brasil, também um panorama dos fenômenos de grande escala que interferem no clima do país e do mundo, seguido por informações climáticas prognósticas exclusivas do boletim, visando auxiliar, com mais eficiência, o planejamento e as ações do setor agrícola.

Instituto Nacional de Meteorologia

Coordenação-Geral de Meteorologia Aplicada, Desenvolvimento e Pesquisa – CGMADP

Eixo Monumental, Via S1 – Sudoeste. 70680-900 – Brasília/DF

1. Análise das condições climáticas no Brasil em setembro de 2025

Durante o mês de setembro de 2025, os maiores acumulados de precipitação foram registrados no oeste da Região Norte e em parte da Região Sul, com totais superiores a 150 mm (tons de azul na Figura 1). Esse comportamento contribuiu para a manutenção da umidade do solo nessas áreas (Figura 2). Em contrapartida, o interior do Nordeste, grande parte do Centro-Oeste e áreas das regiões Norte e Sudeste apresentaram volumes inferiores a 40 mm, o que resultou em níveis de armazenamento hídrico no solo abaixo de 25%. Esse cenário foi especialmente crítico no Piauí, centro-sul do Ceará, oeste do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia, norte de Goiás e Minas Gerais, onde o volume de água no solo ficou abaixo de 5% (tons de laranja escuro e vermelho na Figura 2).

Na **Região Norte**, os maiores volumes de chuva concentraram-se no sudoeste e sul do Amazonas e no oeste do Acre, com destaque para as estações meteorológicas de Feijó (AC), Manicoré (AM) e Novo Aripuanã (AM), que registraram totais mensais de 213,2 mm, 178,6 mm e 171,6 mm, respectivamente. Por outro lado, o norte de Roraima, sul de Rondônia, Amapá, baixo Amazonas, Marajó, nordeste do Pará e centro-sul do Tocantins apresentaram volumes inferiores a 40 mm (tons de amarelo e laranja na Figura 1). Apesar das condições favoráveis de umidade do solo em grande parte da região, Rondônia, o sudeste do Pará e Tocantins apresentaram níveis de armazenamento abaixo de 20%, o que pode restringir o desenvolvimento de culturas permanentes, sistemas agroflorestais, pastagens e pecuária extensiva.

Na **Região Nordeste**, os maiores acumulados de chuva ocorreram no litoral leste, nos estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe, com volumes superiores a 70 mm (tons de verde na Figura 1), conforme observado no município de Arcoverde (PE), com 73,3 mm. Essas chuvas favoreceram o armazenamento hídrico no solo, nas áreas litorâneas, contribuindo para o plantio e desenvolvimento vegetativo do feijão e do milho primeira safra. Já no interior da região, especialmente no Piauí, Ceará, oeste dos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, além do centro-oeste da Bahia, os acumulados foram inferiores a 20 mm, refletindo em níveis de armazenamento de água no solo abaixo de 5% (tons em laranja e vermelho na Figura

2). Essa condição aumenta o risco de perdas em lavouras de sequeiro e pode comprometer a manutenção de pastagens.

Na **Região Centro-Oeste**, setembro foi caracterizado por baixos volumes de chuva em quase toda a região, com registros inferiores a 40 mm (tons em laranja e amarelo na Figura 1). Este cenário reduziu o armazenamento hídrico no solo (Figura 2), trazendo reflexos negativos sobre o feijão de primeira safra, sobretudo em áreas em emergência e desenvolvimento vegetativo. Por outro lado, a condição de tempo seco favoreceu a colheita do milho e do algodão segunda safra e permitiu a preparação do solo para o plantio da soja. Já em pequenas áreas do centro de Goiás, sul do Mato Grosso do Sul e noroeste do Mato Grosso, os acumulados superaram 50 mm, contribuindo para a elevação dos níveis de umidade no solo, bem como a semeadura da soja. Destaque para as estações meteorológicas de Cotriguaçu (MT), com 127,2 mm, Sete Quedas (MS), com 84,2 mm e Itaquiraí (MS), com 63,8 mm.

Na **Região Sudeste**, os volumes de chuva foram predominantemente inferiores a 40 mm, exceto no Espírito Santo, Rio de Janeiro e leste de São Paulo, onde os acumulados mensais superaram os 50 mm (tons de verde na Figura 1). Destacam-se os municípios de Santa Teresa (ES) e Alto da Boa Vista (RJ), que registraram 181,4 mm e 116,4 mm, respectivamente. Essas chuvas mantiveram condições razoáveis de umidade no solo nesses setores. No entanto, no interior de Minas Gerais e de São Paulo, o armazenamento ficou abaixo de 20%, podendo afetar lavouras temporárias e pastagens. A redução das chuvas também favoreceu a colheita do trigo e da cana-de-açúcar, que se encontra em fase de finalização em ambos os estados.

Na **Região Sul**, a distribuição de chuvas foi satisfatória em grande parte do território, com totais variando entre 40 e 100 mm no Paraná e no norte de Santa Catarina. Acumulados acima de 150 mm foram observados no Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina. Destacam-se os municípios de São Luiz Gonzaga (RS), com 306,4 mm, São Borja (RS), com 303,4 mm e Tupanciretã (RS), com 289,0 mm. Esses volumes garantiram elevados níveis de armazenamento de água no solo, superiores a 80% em grande parte da região (tons de azul na Figura 2), favorecendo a semeadura e a emergência de culturas como trigo, aveia e cevada. Contudo, o excesso de chuva em algumas áreas interferiu as operações de campo, afetando pontualmente culturas sensíveis à elevada umidade, como hortaliças e pastagens temporárias.

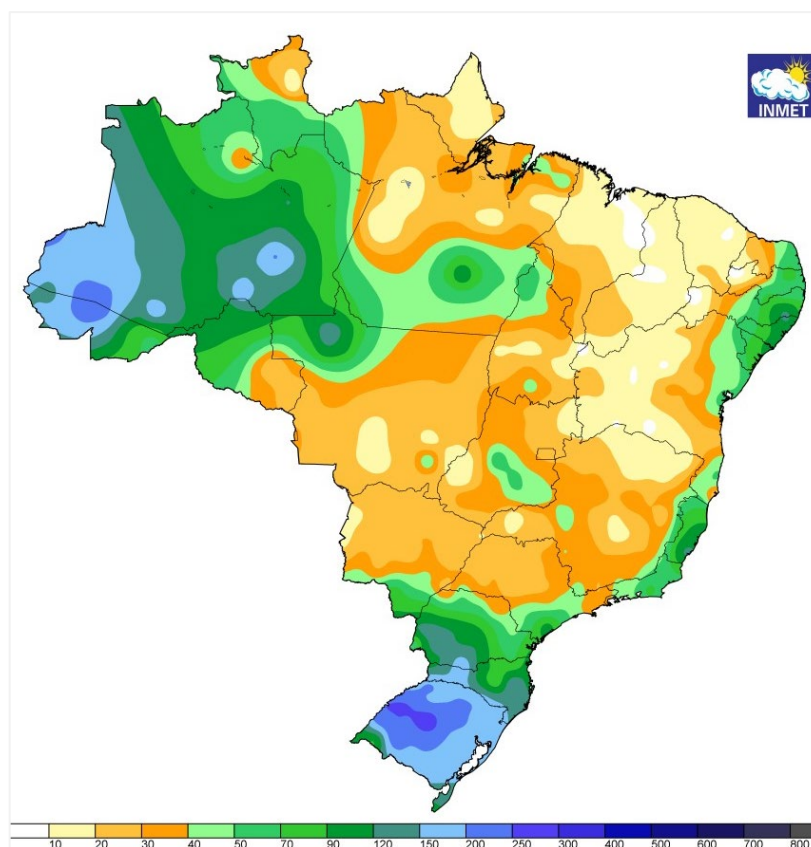


Figura 1 – Precipitação acumulada (mm) em setembro de 2025. Fonte: INMET.

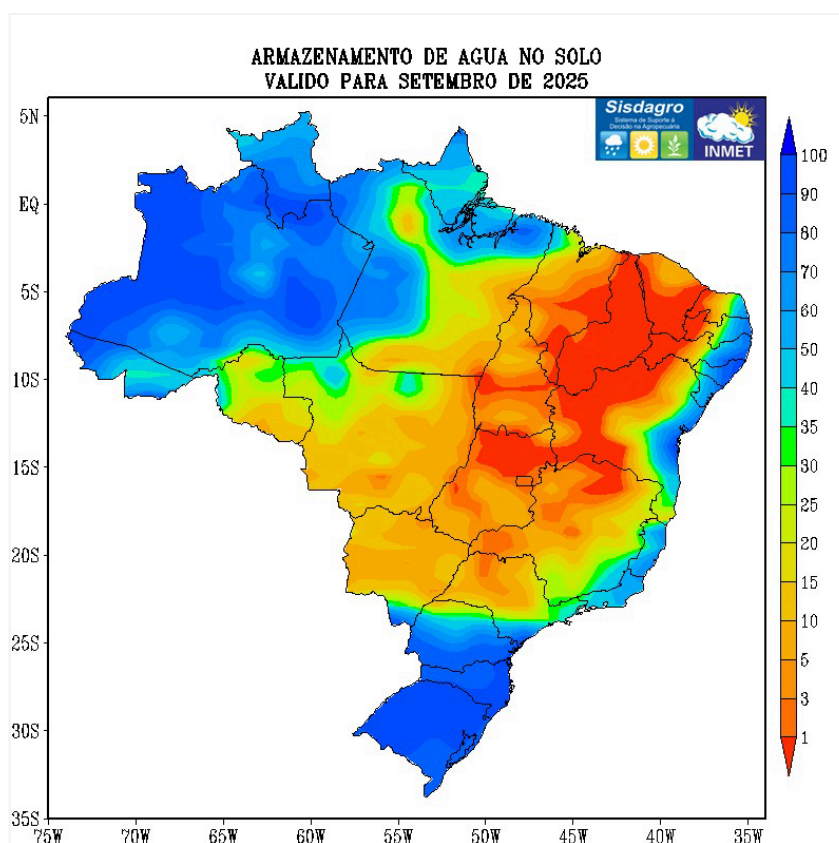


Figura 2 – Armazenamento hídrico no solo (%) em setembro de 2025. Fonte: SISDAGRO/INMET.

As médias das temperaturas máximas no mês de setembro foram superiores a 34 °C no centro-norte do país, ultrapassando os 36 °C no interior do Nordeste, especialmente no oeste do Piauí, Maranhão, oeste da Bahia, Tocantins, centro-sul do Pará, Rondônia, Mato Grosso e norte do Mato Grosso do Sul (tons de vermelho escuro na Figura 3a). As máximas variaram entre 28 °C e 30 °C na porção leste dos estados de São Paulo e Minas Gerais, além do Espírito Santo, norte do Rio de Janeiro, sul da Bahia, litoral de Alagoas, Pernambuco e Paraíba. No sul do Rio de Janeiro, faixa litorânea de São Paulo e centro do Paraná, as máximas ficaram acima de 26 °C. Na Região Sul, as temperaturas máximas variaram entre 20 °C e 28 °C, com médias mais baixas no litoral sul de Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul (tons de amarelo e vermelho na Figura 3a).

Na Região Norte, as temperaturas máximas foram mais elevadas no Tocantins, centro-sul do Pará e Rondônia, com destaque para as localidades de Porto Nacional (TO), Pedro Afonso (TO) e Santa Maria das Barreiras (PA), que registraram médias de 38,5 °C, 38,4 °C e 37,0 °C, respectivamente. Já na Região Nordeste, os valores mais altos ocorreram em Oeiras (PI), com 38,4 °C, Carolina (MA), com 38,1 °C, e Ibotirama (BA), com 37,4 °C. No Centro-Oeste, os maiores registros foram observados em Rondonópolis (MT), São Miguel do Araguaia (GO) e Coxim (MS), com 38,4 °C, 38,3 °C e 37,9 °C, respectivamente. No Sudeste, as médias das temperaturas máximas foram superiores às do mês anterior, com destaque para Ituiutaba (MG), que registrou 35,7 °C, Januária (MG), com 34,6 °C, e Valparaíso (MG), com 35,4 °C. Na Região Sul, os maiores valores foram observados no centro-norte do Paraná, com 32,9 °C em Diamante do Norte (PR), 31,7 °C em Maringá (PR) e 30,2 °C em Marechal Cândido Rondon (PR).

As temperaturas mínimas médias em setembro foram superiores a 20 °C nas regiões Norte, Nordeste e na maior parte do Centro-Oeste (tons de amarelo e laranja na Figura 3b). Em boa parte da Região Sudeste, as mínimas variaram entre 14 °C e 18 °C (tons em azul na Figura 3b). Na Região Sul, as médias das mínimas permaneceram entre 10 °C e 16 °C, exceto no noroeste do Paraná, onde os valores foram maiores que 16 °C.

Na Região Norte, as médias das temperaturas mínimas foram superiores às do mês anterior. A estação meteorológica de Mateiros (TO) registrou mínima de 18,3 °C,

Lagoa da Confusão (TO) 19,2 °C e Araguaína (TO) com 19,4 °C. No Nordeste, os menores valores ocorreram em Vitória da Conquista (BA), Lençóis (BA) e Morro do Chapéu (BA), com 13,9 °C, 15,2 °C e 16,0 °C, respectivamente, valores superiores aos do mês de agosto. No Centro-Oeste, as menores médias de temperatura mínima foram observadas em Cristalina (GO) com 15,2 °C e Amambai (MS) com 15,4 °C. No Sudeste, foram registradas temperaturas mínimas médias abaixo de 10 °C, como em Monte Verde (MG) com 8,6 °C, Campos do Jordão (SP) com 9,0 °C e Maria da Fé (MG) com 9,0 °C. Na maior parte da Região Sul, as médias das mínimas foram inferiores a 12,0 °C, com os menores valores observados em São José dos Ausentes (RS) com 7,1 °C, São Joaquim (SC) com 7,9 °C, e Vacaria (RS) com 8,4 °C.

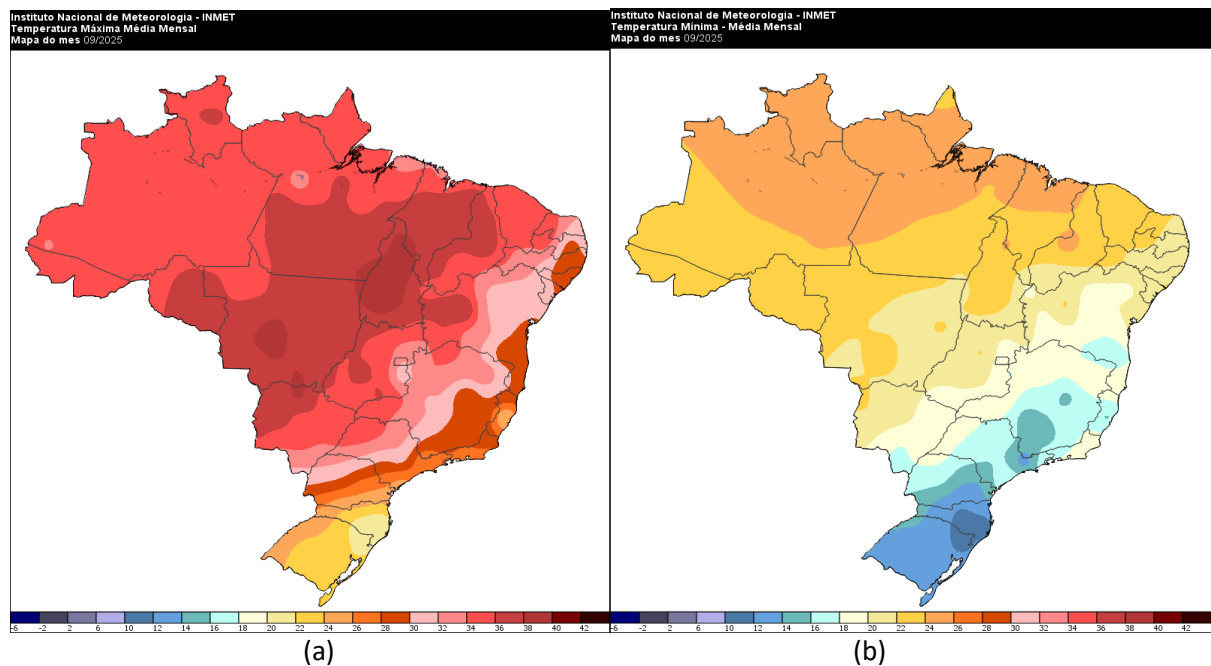


Figura 3 – Valores médios de temperaturas máximas (a) e mínimas (b) do ar (°C) em setembro de 2025. Fonte: INMET.

2. Prognóstico agroclimático para o período de outubro, novembro e dezembro de 2025

Região Norte

O modelo objetivo (multi-modelo), resultado da cooperação entre o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), o Centro de Previsão de Tempo e Clima do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/INPE) e a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), indica volumes de chuva abaixo da média histórica para o trimestre outubro-novembro-dezembro (OND) na maior parte do Pará, centro-norte de Rondônia, norte do Tocantins e na região da cabeça do cachorro, bem como no extremo norte do Amazonas (tons em amarelo na Figura 4a). De outro modo, são previstos volumes acima da média histórica no centro-sul do Acre, sudoeste e nordeste do Amazonas e leste do Amapá (tons em azul na Figura 4a). No restante da região, prevê-se chuva próxima à média histórica (áreas em branco na Figura 4a).

Em relação às temperaturas do ar, devem prevalecer desvios acima da média histórica em toda a Região Norte (tons em amarelo e laranja na Figura 4b). São previstos valores de até 2,0 °C acima da média no leste de Roraima, na região central do Pará e no oeste do Tocantins. Nas demais áreas da região, os aumentos devem ficar em até 1 °C acima da média climatológica.

A previsão do armazenamento hídrico no solo para os próximos meses indica elevação dos níveis no oeste e sul do Amazonas, Acre, Rondônia, além do sul do Pará e do Tocantins, com percentuais superiores a 60% (tons em verde e azul nas Figuras 5a, 5b e 5c). No entanto, observa-se o predomínio de baixos estoques de água no solo, inferiores a 30%, no oeste de Roraima, Amapá e norte do Pará, principalmente no mês de dezembro (tons em amarelo e branco na Figura 5a).

As projeções indicam a intensificação das condições de seca no norte do Pará, Amapá, Tocantins, Roraima e no extremo leste do Amazonas durante outubro, com déficits superiores a 130 mm (tons em laranja e vermelho na Figura 6a). As áreas mais críticas de déficits hídricos irão se concentrar no Amapá, no norte do baixo Amazonas

e no extremo norte de Roraima, com uma redução gradual em novembro (tons em laranja e vermelho nas Figuras 6b e 6c), o que pode impactar as atividades agrícolas e a formação de pastagens na região. Por outro lado, no mês de dezembro, observa-se uma melhor disponibilidade hídrica em quase toda a região, especialmente no oeste e sul da Amazônia (tons em azul na Figura 6c), o que tende a favorecer a manutenção de culturas perenes tropicais e as atividades da agricultura familiar nessas áreas.

Região Nordeste

Para os próximos meses, são previstos volumes de chuva abaixo da média em grande parte do Maranhão, Piauí, além das porções central e noroeste da Bahia (tons em amarelo na Figura 4a). Por outro lado, são previstas chuvas acima da média nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba Alagoas, Sergipe, bem como no leste de Pernambuco, centro-leste do Ceará e costa litorânea da Bahia (tons em azul na Figura 4a). No restante da região, prevê-se chuva próxima à média histórica (áreas em branco na Figura 4a).

As temperaturas do ar deverão permanecer acima da média histórica em todo o Nordeste, com valores entre 0,5 °C e 1,0 °C acima da média (tons em laranja na Figura 4b). As menores elevações são esperadas em toda a faixa leste da região. Já os maiores aumentos devem se concentrar no leste do Maranhão, Piauí e do oeste da Bahia, onde as temperaturas podem subir até 2 °C acima da média.

A previsão de armazenamento hídrico do solo indica estoques de água abaixo de 40% em praticamente toda a região durante o trimestre, especialmente no centro-norte da região. Em contrapartida, níveis superiores a 60% são previstos principalmente no oeste e sul da Bahia nos meses de novembro e dezembro (Figuras 5a, 5b e 5c). Consequentemente, o déficit hídrico se intensifica em várias áreas, com valores superiores a 130 mm na divisa entre Piauí, Ceará e oeste de Pernambuco (Figuras 6a, 6b e 6c). Essas condições podem limitar o desenvolvimento de culturas de sequeiro, tornando essencial a adoção de estratégias adequadas de manejo hídrico.

Região Centro-Oeste

Para o trimestre de OND, o prognóstico climático indica volumes de chuva até 30 mm acima da média em todo o estado de Goiás, centro-sul do Mato Grosso e centro-norte do Mato Grosso do Sul (tons em azul na Figura 4a).

As temperaturas tendem a permanecer acima da média em toda a região, devido à persistência de massas de ar seco e quente, podendo ficar cerca de 1,0 °C acima da média histórica.

A previsão de armazenamento hídrico do solo indica baixos níveis de umidade em grande parte da região durante o mês de outubro, exceto no extremo sul do Mato Grosso do Sul, onde os estoques hídricos deverão permanecer acima de 60% ao longo do período (tons em verde e azul na Figura 5a). Em novembro, observa-se recuperação da umidade do solo na região, ainda que de forma irregular, e em dezembro, os níveis de armazenamento ultrapassam 80% em quase todo o Centro-Oeste (tons em verde e azul nas Figuras 5b e 5c).

O déficit hídrico se intensifica em outubro, com valores superiores a 100 mm no sudoeste do Mato Grosso (Figura 6a). Essa escassez de umidade reduz a disponibilidade de água no solo para culturas como o milho segunda safra e o algodão, elevando o risco de perdas produtivas e favorecendo a ocorrência de queimadas e incêndios florestais. Em novembro, o déficit hídrico diminui, mas ainda persiste em algumas áreas do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Figura 6b). Já em dezembro, observa-se uma reversão do quadro, com excedentes hídricos expressivos no norte do Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal, onde os valores podem ultrapassar 130 mm (Figura 6c). A regularização das chuvas no final do trimestre garante umidade adequada no solo para o plantio e estabelecimento das lavouras de soja e milho primeira safra, favorecendo a germinação e o desenvolvimento inicial das plantas e a recuperação de pastagens.

Região Sudeste

A previsão climática indica volumes de chuva acima da média histórica em praticamente todos os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, bem como no centro-norte do estado de São Paulo (tons em azul na Figura 4a). No restante da região, prevê-se chuva próxima à média histórica (áreas em branco na Figura 4a).

As temperaturas tendem a permanecer acima da média histórica em toda a região, especialmente em São Paulo e Minas Gerais, onde os valores podem ficar até 1,0 °C acima da média (tons em laranja na Figura 4b). Nos estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, os aumentos previstos são de até 0,5 °C em relação à média.

A previsão de armazenamento hídrico do solo indica baixa disponibilidade de água no centro-norte de Minas Gerais, Espírito Santo, norte do Rio de Janeiro e noroeste paulista, com percentuais inferiores a 30% ao longo do mês de outubro (tons em amarelo na Figura 5a). A partir de novembro, observa-se recuperação gradual da umidade do solo em grande parte da região, com estoques superiores a 60% (tons em verde e azul nas Figuras 5b e 5c), exceto no norte e Triângulo Mineiro e no oeste de São Paulo, onde a recuperação tende a ser mais lenta. Em dezembro, o armazenamento hídrico ultrapassa 80% em quase toda a Região Sudeste, alcançando valores próximos à capacidade de campo, condição favorável ao desenvolvimento das lavouras.

A deficiência hídrica tende a predominar em outubro, especialmente no norte e Triângulo Mineiro, Espírito Santo e extremo oeste paulista, com déficits superiores a 100 mm (tons em laranja e vermelho nas Figuras 6a e 6b). A escassez de umidade no solo pode comprometer o início da semeadura da soja e do milho primeira safra, provocando irregularidade na germinação e emergência das plantas. Além disso, a irregularidade das chuvas nesse período pode reduzir o desenvolvimento das pastagens e limitar o crescimento vegetativo da cana-de-açúcar em final de ciclo. A partir de novembro, há uma transição gradual desse cenário, com excedentes hídricos acima de 60 mm no sul de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e litoral de São Paulo, tornando-se mais expressivos em dezembro, quando os valores ultrapassam 100 mm no sul e Zona da Mata Mineira (tons em azul nas Figuras 6b e

6c). Essa melhora na disponibilidade hídrica tende a favorecer o avanço do plantio e o desenvolvimento inicial das lavouras de verão.

Região Sul

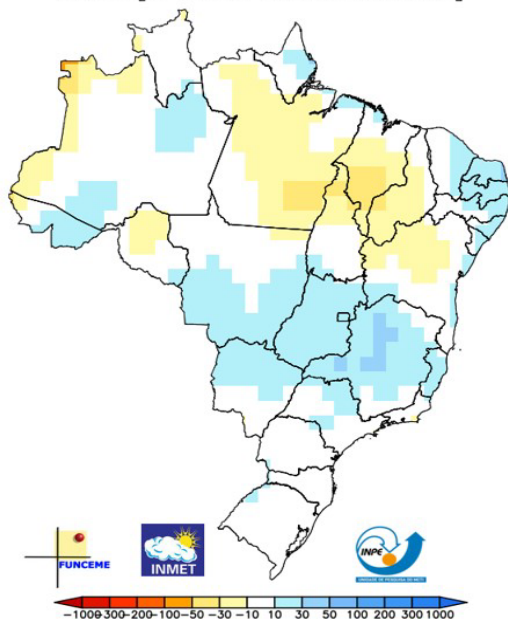
Para o Sul brasileiro, a previsão climática indica volumes de chuva próximos à média histórica em todo os estados da região (áreas em branco na Figura 4a).

As temperaturas do ar devem permanecer acima da média em toda a região (tons em laranja na Figura 4b), principalmente no noroeste do Rio Grande do Sul, onde os aumentos podem chegar a 2 °C em relação à normal climatológica. Contudo, em áreas mais elevadas, os valores podem permanecer abaixo de 15 °C devido à influência de massas de ar frio. Na região litorânea de Santa Catarina, os aumentos devem ser menores, com elevações de até 0,5 °C acima da média.

A previsão indica a manutenção de níveis elevados de umidade no solo ao longo dos próximos meses. Em praticamente toda a Região Sul, os valores de armazenamento hídrico devem se manter acima de 80%, atingindo, em algumas áreas, valores próximos à capacidade de campo (tons em azul nas Figuras 5a, 5b e 5c). Em dezembro, pode haver uma redução dos níveis de umidade do solo no centro-sul do Rio Grande do Sul, com valores abaixo de 70%.

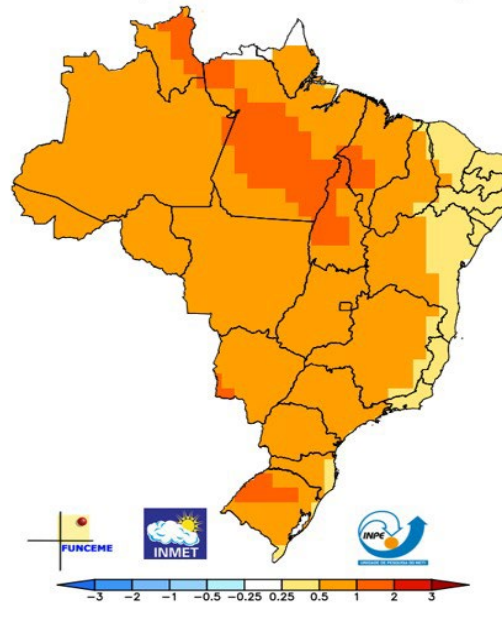
O excedente hídrico deverá predominar durante o trimestre, com destaque para o sul do Paraná, oeste de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul, onde são previstos acumulados superiores a 150 mm (tons em azul escuro na Figura 6a). Essa condição é considerada favorável ao desenvolvimento das culturas de inverno, como trigo, aveia e cevada, além de contribuir para o adequado crescimento vegetativo das lavouras já implantadas. Entretanto, o excesso de umidade no solo poderá interferir nas operações de campo e atrasar o início da semeadura das culturas de verão, especialmente da soja e do milho 1ª safra, nas áreas mais úmidas do Paraná e do norte do Rio Grande do Sul.

Previsão de Anomalia de Precipitação OND/2025
media [CPTEC1.2+INMET+FUNCEME]



(a)

Previsão de Anomalia de Temperatura OND/2025
media [CPTEC1.2+INMET+FUNCEME]



(b)

Figura 4 – Previsão de anomalias de precipitação (a) (mm) e temperatura média do ar (°C) do multi-modelo INPE/INMET/FUNCEME para o trimestre OND de 2025.

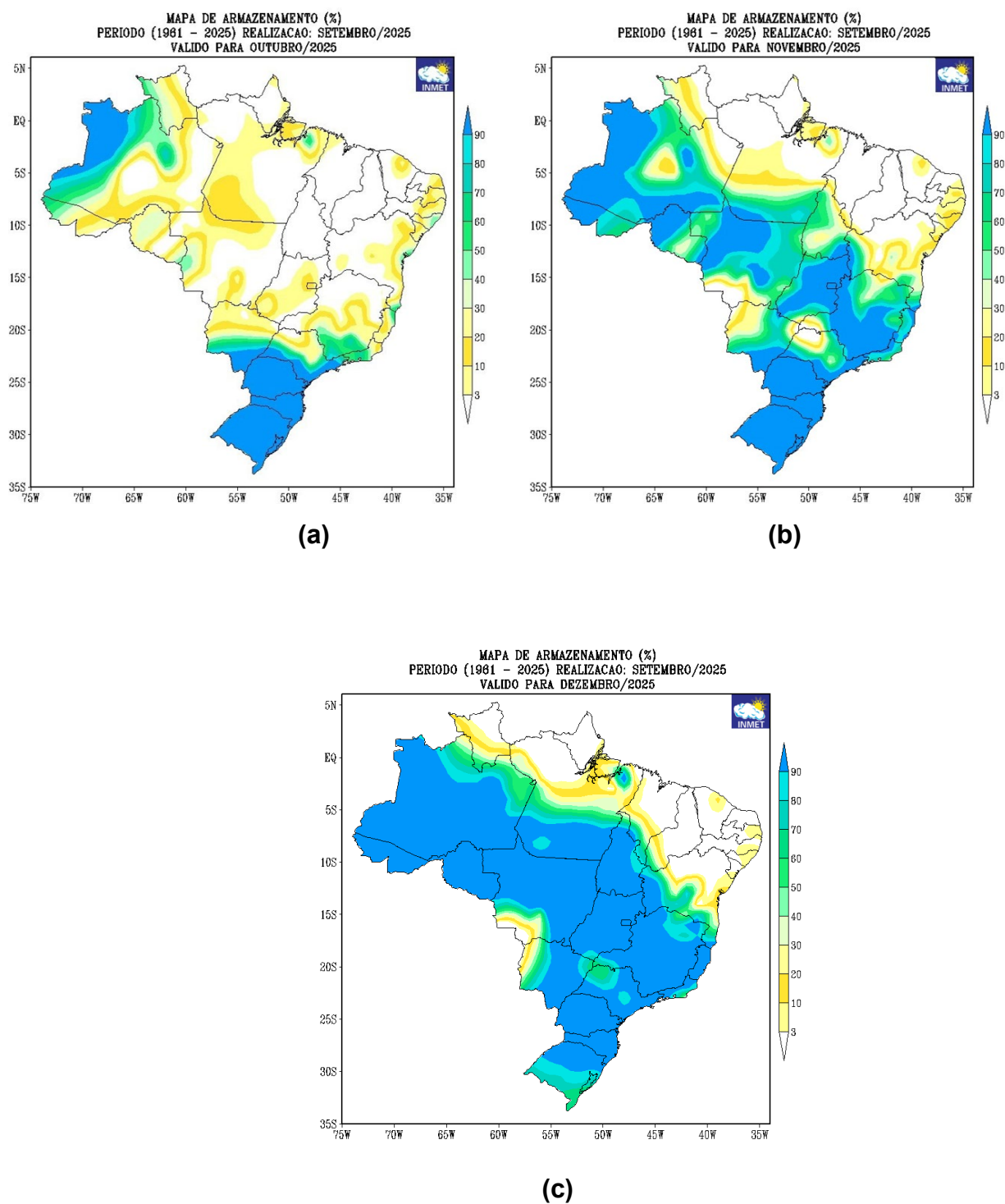
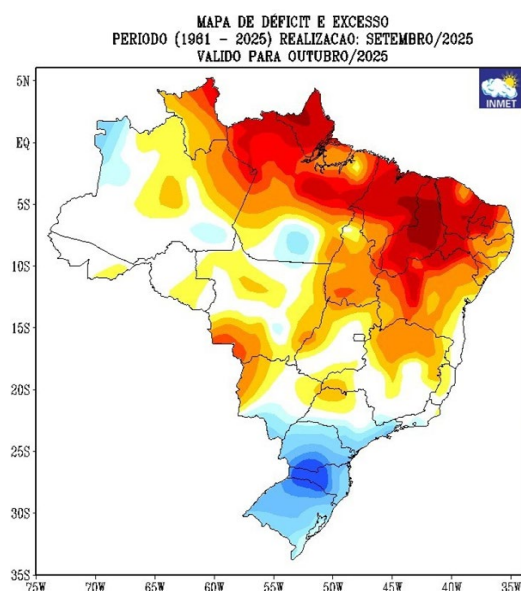
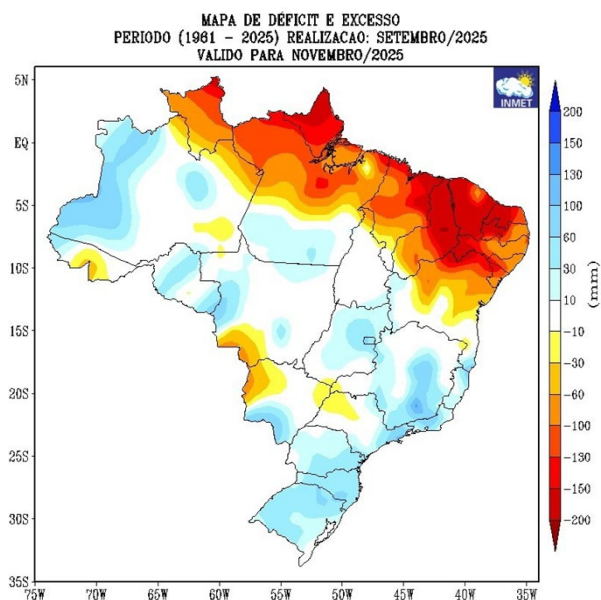


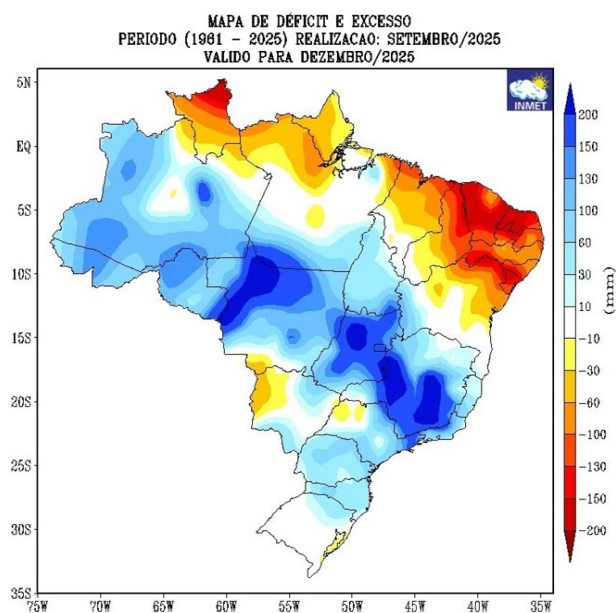
Figura 5 – Previsão de armazenamento de água no solo (%) para os meses de (a) outubro, (b) novembro e (c) dezembro de 2025 no Brasil, considerando capacidade de água disponível (CAD) de 100 mm. Fonte: INMET.



(a)



(b)



(c)

Figura 6 – Previsão de déficits e excessos de água no solo (mm) para os meses de (a) outubro, (b) novembro e (c) dezembro e 2025 no Brasil, considerando capacidade de água disponível (CAD) de 100 mm. Fonte: INMET.

3. Condições oceânicas observadas e tendências

A interação entre a superfície dos oceanos e a atmosfera tem um impacto significativo nas condições climáticas e meteorológicas de diversas regiões ao redor do mundo. No Brasil, fenômenos como o El Niño-Oscilação Sul (ENOS), no Oceano Pacífico Equatorial, e o gradiente térmico do Oceano Atlântico Tropical, conhecido como Dipolo do Atlântico, são exemplos dessa interação oceano-atmosfera que afeta o clima no país. Nesse contexto, quando as águas do Atlântico Tropical Sul estão mais quentes e as do Atlântico Tropical Norte mais frias, há maior favorecimento à ocorrência de chuvas em grande parte do norte do Brasil (condição conhecida como Dipolo Negativo). Por outro lado, quando ocorre a inversão dessa distribuição térmica, há uma redução nas chuvas nessa região, caracterizando a condição de Dipolo Positivo.

Em setembro de 2025, a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no Atlântico Tropical Norte foi de 0,46 °C, enquanto no Atlântico Tropical Sul foi de 0,07 °C. A condição de Atlântico Norte mais quente que o Atlântico Sul, favoreceu a permanência da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) no hemisfério norte, condição normal para esta época do ano.

No Oceano Pacífico Equatorial, a anomalia média mensal de TSM na região de referência para a definição do fenômeno ENOS, denominada Niño 3.4 (entre 170°W e 120°W), apresentou valor de -0,4 °C (barras em cinza na Figura 7). Porém, o rápido resfriamento observado nas últimas semanas e a expansão de TSMs abaixo da média no Oceano Pacífico equatorial na porção central em direção a oeste pode configurar uma condição inicial para a formação do fenômeno La Niña. Desta forma, a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA) emitiu no dia 09 de outubro um aviso oficial indicando a configuração do fenômeno La Niña no Pacífico tropical e sua persistência nos próximos meses.

A análise do modelo de previsão do ENOS, realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para condições de La Niña durante o trimestre outubro-novembro-dezembro de 2025, com probabilidade de 60% (barra em azul na

Figura 8). Para os meses seguintes, há 59% e 50% de chances de permanência de condições de La Niña nos trimestres de NDJ e DJF, respectivamente.

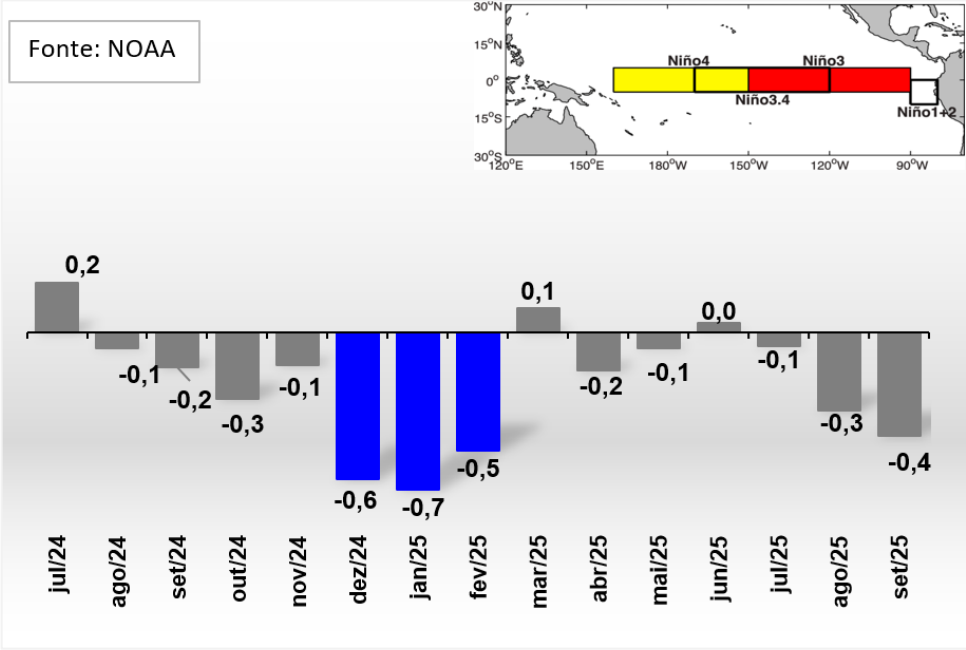


Figura 7 – Anomalia mensal da temperatura da superfície do mar (°C).

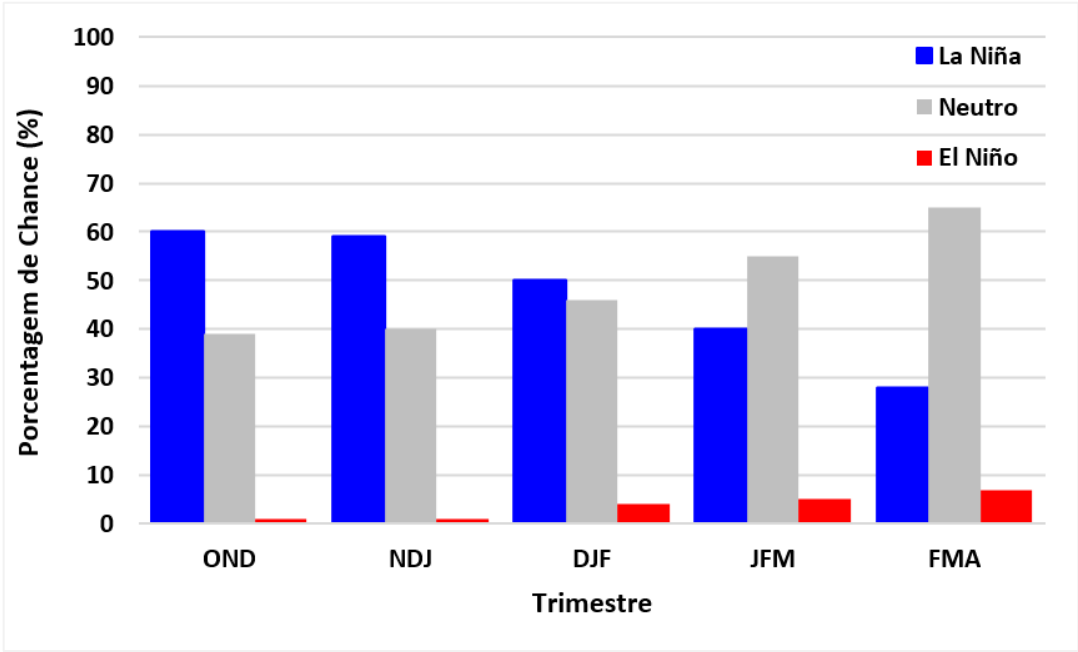


Figura 8 – Previsão probabilística de ENOS do IRI para ocorrência de *El Niño* ou *La Niña*. Fonte: Adaptado de IRI.

Para mais informações, como avisos meteorológicos, previsão de tempo, monitoramento das condições meteorológicas, prognósticos climáticos mensais e trimestrais, entre outros, acesse o portal do Inmet: portal.inmet.gov.br.

Siga o Inmet nas redes sociais:

Instagram: @inmet.oficial

YouTube: @inmetoficial

X: @inmet_

Facebook: @INMETBR

LinkedIn: company/inmetbr

Contato: acs.inmet@inmet.gov.br



Instituto Nacional de Meteorologia - INMET
Coordenação-Geral de Meteorologia Aplicada, Desenvolvimento e Pesquisa –
CGMADP
Eixo Monumental, Via S1 – Sudoeste.
70680-900 – Brasília/DF
Brasil